



**SOUSA VITERBO, Francisco Marques** – Nasceu no Porto, a 28 de Dezembro de 1845. Morreu em Lisboa, a 29 de Dezembro de 1910. A cidade, que testemunhou a sua prolongada doença, chorou-o como se choram os mártires. Mas quem com ele privou, guardou a memória de um lutador venturoso. Nem a cegueira que se declarou a partir de 1879 e, progressivamente, lhe foi ensombrando os dias, nem tão pouco a paralisia dos membros, o impediram alguma vez de enfrentar a torrente imparável dos dias com a mesma paixão pela vida.

Foi um homem invulgar a vários títulos. Filho de uma família modesta de comerciantes, Sousa Viterbo (SV) revelou, desde novo, uma sensibilidade lírica, aliada a uma curiosidade obsessiva e a um grande empreendedorismo. Por determinação familiar, começou os seus estudos no **Seminário Episcopal do Porto**, mas como não sentisse qualquer vocação sacerdotal, logo que terminou o curso, veio para **Lisboa** com o propósito de estudar medicina. A primeira tentativa de ingresso na **Escola Médico-cirúrgica** data de 1869, mas não foi bem sucedida. Só conseguiu a aprovação um ou dois anos depois, tendo concluído o curso em 1876.

Entretanto, para assegurar a sua subsistência, SV **dedicou-se ao jornalismo**. O mundo da imprensa já não lhe era desconhecido, pois desde os seus tempos de seminarista, que vinha publicando a sua poesia em jornais e revistas literárias, como **O Mundo Elegante** (1858-60), **Mosaico** (1865), **Aurora** (1867-68), **Grinalda** (1855-69) – do Porto; o **Boudoir** (1863-65) – de Lisboa; **A Chrysalida** (1863-64) e **A Folha** (1868) – de Coimbra. Foi ainda na sua cidade natal, o Porto, que alcançou o título de “redactor”, com direito ao pagamento de proventos, questão fulcral para assegurar os estudos em Lisboa. Nesta nova etapa, foi fundamental a ligação com a imprensa *generalista* da cidade, nomeadamente com o **Jornal do Porto** (1859-1887); o **Jornal da Manhã** (1872?-1888), do qual chegou a assumir a direcção política; o **Progresso Comercial** (1873); e o **Comércio Português** (1876-1887).<sup>1</sup>

Como se depreende, SV tornou-se rapidamente num **jornalista de méritos reconhecidos**. A sua ampla cultura, cerzida com muito estudo e investigações metódicas, permitia-lhe discorrer sobre os mais variados assuntos. Revelou sempre preferência pela abordagem retrospectiva. Era profundo na análise e claro no raciocínio – simbiose nada fácil de atingir. Quando tomava por objecto questões de natureza política, assumia um discurso mais reflexivo do que conclusivo, não se envolvendo no jogo partidário. Naqueles tempos de discurso facilmente inflamável, foi uma voz ao serviço da ponderação e do bom senso, não deixando de evidenciar um sólido sentido de justiça social, alicerçado em valores de solidariedade e de respeito para com o outro. Acreditava na bondade do homem e na «unidade do progresso», construído em harmonia social, como tantas vezes apregoou despretensiosamente: «Trabalhador ou operário é todo aquelle que vive do producto da sua actividade, qualquer que seja o instrumento que maneje (...) Que o ganha-pão seja a penna ou seja a enxada, o tear ou o martelo; (...) que o operário seja

---

<sup>1</sup> Ainda no Porto, foi “redactor” do semanário portuense *A Mocidade* (1867) e do jornal satírico *O Pirilampo* (1867-70).



um britador de pedra n'uma estrada ou um forjador de ideias n'um gabinete d'estudos, não vemos em tudo isto senão resultados diversos da nossa força, gradações apenas e não diferenças antagónicas e odientas.»<sup>2</sup>

Em **Lisboa**, SV foi redactor do **Comércio de Lisboa** (1878-1880?), substituindo Luciano Cordeiro durante os meses em que esteve no Brasil (1879), e assumiu a direcção do **Jornal do Comércio** (1853-1989) enquanto Eduardo Burnay, seu director, esteve ausente em Paris (1886). No suplemento deste diário, **A Semana de Lisboa** (1893-94)<sup>3</sup>, também colaborou esporadicamente, bem como no semanário ilustrado **Branco e Negro** (1896-1898), na revista **O Ocidente** e, provavelmente, em muitos outros títulos.<sup>4</sup>

Concluído o curso de medicina foi, durante algum tempo, médico na Armada. Mas o interesse pela Arqueologia e pelas artes, o seu forte envolvimento com a imprensa e, possivelmente, razões de saúde, levaram-no a optar pelo ensino. Foi **professor na Academia de Belas Artes e na Escola de Belas Artes de Lisboa**.

Já com o estatuto de erudito, SV colaborou regularmente com a imprensa especializada, sedeada na capital. No **Jornal da Sociedade das Ciências Médicas** (1836-1988), publicou alguns estudos sobre médicos portugueses, que entendia como «subsídios» para uma «**História da Medicina em Portugal**». O seu trabalho de investigador – que classificava «de archeologia medica» – começou por incidir sobre os médicos da família real, mas acabou por se estender aos médicos que serviram na corte e a muitos outros, de quem encontrou rasto na documentação oficial, pessoal ou obra publicada. No âmbito do seu trabalho, SV destacou a actividade das **primeiras médicas portuguesas**, realçando a «concorrência que o sexo feminino fazia aos filhos do Esculapio» nesses tempos remotos.<sup>5</sup> Para cada médico(a) elencado, teve o cuidado de referir as fontes de informação de que se socorreu, reproduzindo mesmo alguns documentos, e coligindo outra informação pertinente de natureza biográfica, incluindo a obra publicada se existente. No seu conjunto, estes estudos abarcam mais de uma centena de médicos, que exerceram durante os séculos XV e XVI, portanto, do reinado de D. Afonso V até ao de Filipe II de Portugal. É um trabalho burilado com minúcia, documentado, e que oferece uma perspectiva sobre a organização do exercício da medicina e sobre quem a exercia. Encontra-se distribuído por vários números do *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas*, publicados entre 1892 e 1896.<sup>6</sup>

Fixámos a nossa atenção nestes estudos de SV, quer pelo seu carácter inédito e, de alguma forma pitoresco, quer porque o considerámos exemplificativo do nível de profundidade e de rigor que imprimia aos seus trabalhos. Mas SV tinha uma capacidade produtiva inusual, mantendo várias colaborações em simultâneo, sem descurar a

<sup>2</sup> «O 1.º de Maio», do *Diário de Notícias*, de 1 de Maio de 1901 e reproduzido em *Cem Artigos de Jornal*.

<sup>3</sup> Disponível em linha, na Hemeroteca Digital. Para saber mais sobre *A Semana de Lisboa* ver a respectiva Ficha Histórica, igualmente disponível na Hemeroteca Digital.

<sup>4</sup> A revista *O Ocidente* também está acessível em linha, na Hemeroteca Digital. Para saber mais sobre esta revista, ver a respectiva Ficha Histórica, da autora deste texto; o semanário *Branco e Negro* pode ser consultado na Hemeroteca Municipal de Lisboa, com a cota Rev. 452 V/FA.

<sup>5</sup> Cf. *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas*, Ano LIX, n.º 7 e 8, Julho e Agosto, de 1895, pp. 163-191.

<sup>6</sup> A partir de 1897 até Agosto de 1901, Sousa Viterbo integrou a comissão de redacção do *Jornal*, como consta na capa do Jornal.



qualidade. Assim, e só no que toca à imprensa especializada, os seus estudos ocupam muitas páginas da *Revista Arqueológica* (1887-1890), de *O Arqueólogo Português* (1895-1924?), do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (1876-?), da *Arte Musical* (1899-1915), do *Arquivo Histórico Português* (1903-1916), da *Revista Militar* (1849), entre outras.<sup>7</sup>

A partir de 1880 até ao final da sua vida, SV foi ainda redactor do *Diário de Notícias* (1864). O convite terá partido do próprio director, Eduardo Coelho, com quem travou conhecimento na comissão organizadora da *Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental de Lisboa*.<sup>8</sup> Nas páginas do *DN* ficou, provavelmente, a mostra mais exemplificativa do trabalho de SV na imprensa, já que foi com esse jornal que manteve um vínculo mais contínuo e uma produção mais regular e diversificada. Dessa tribuna ainda saudou a implantação da República e tomou a sua defesa em muitos editoriais.

Homem imbuído de um forte sentido de integração e, por essa razão, atento e participativo, SV foi fundador da **Associação de Jornalistas e Escritores Portugueses**, da **Sociedade de Geografia de Lisboa**, da **Sociedade Arqueológica da Figueira**, da **Association Littéraire International** (Paris) e da **Real Academia de La Historia de Madrid**, além de sócio de uma infinidade de agremiações culturais.<sup>9</sup>

Pouco tempo depois de SV falecer, Bernardino Machado e Abel Botelho tomaram a iniciativa de apresentar ao Senado uma proposta de lei no sentido de autorizar o governo a custear a produção do seu busto em bronze. O projecto não reuniu o consenso necessário, pelo que, em finais de 1912, com o propósito de angariar fundos para a homenagem a SV, o *Diário de Notícias* lançou o livro *Cem artigos de Jornal*, onde reuniu uma selecção de textos, publicados entre 1891 e 1911, ilustrativos do trabalho desenvolvido pelo autor no jornal. As vendas superaram as expectativas e, em 1913, fundiram-se dois bustos em bronze, que foram oferecidos à *Escola de Belas Artes* e à *Associação dos Arqueólogos Portugueses*, respectivamente. Alguns anos mais tarde, na sequência da oferta que aquela última agremiação fez à Cidade, através da Câmara Municipal, do busto que tinha em sua posse, foi decidida a sua colocação no jardim do Príncipe Real. A cerimónia de inauguração e homenagem teve lugar no dia 16 de Junho de 1950.<sup>10</sup>

Rita Correia

Lisboa, 16 de Dezembro de 2011

---

<sup>7</sup> As publicações referidas fazem parte da colecção da Hemeroteca Municipal de Lisboa, com as cotas: J. 54 FH; Rev. 263 P; Rev. 435 V; Rev. 7 FH; Res 38 e Rev. 1195 V, respectivamente.

<sup>8</sup> A revista *O Ocidente*, de 1882, reservou largo espaço a esta exposição, inaugurada a 12 de Janeiro de 1882, no Palácio das Janelas Verdes (hoje Museu Nacional de Belas Artes) na presença dos reis de Espanha e das mais altas individualidades dos dois países. Foi uma exposição marcante, mas não faltou quem criticasse a ostentação e o despropósito da iniciativa, atendendo à crise financeira e política que fustigava o país. No semanário *António Maria*, Bordalo Pinheiro foi dos que mais escarpelizou o assunto, e Sousa Viterbo não escapou ao lápis do mestre da caricatura. Cf. *António Maria*, N.º 111, de 16 de Fevereiro de 1882, pp. 52-53 (centrais).

<sup>9</sup> Informação mais detalhada consta na *Enciclopédia Luso-Brasileira*, no artigo sobre o Sousa Viterbo.

<sup>10</sup> No Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa estão disponíveis, em linha, algumas fotografias da cerimónia. Na *Revista Municipal*, N.º 45 (disponível na Hemeroteca Digital) também lhe são dedicadas algumas páginas, bem como da generalidade da imprensa alfacinha.



## BIBLIOGRAFIA

*Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Instituto Português do Livro e da Leitura, coord. Eugénio Lisboa. 3º, 4º, 5º e 6º vols. Lisboa: Publicações Europa-América, 1985. ISBN 972-1-03185-2 (v. 3), 972-1-04378-8 (v. 4) 972-1-04726-0 (v. 5) e 972-1-04779-1 (v. 6).

*Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., 1978.

*Jornais e Revistas Portugueses do Século XIX*, coord. e org. de Gina Guedes Rafael e Manuela Santos. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, 2 vols. ISBN 972-565-229-0 e 972-565-314-9.

*Cem artigos de jornal: insertos no Diário de Notícias de Lisboa e pela empresa deste jornal publicados em homenagem ao seu extinto colaborador*. Lisboa: typographia Universal, 1912.

PIRES, Daniel – *Dicionário da imprensa periódica literária portuguesa do século XX (1900-1940)*. Lisboa: Grifo, 1996. ISBN 972-1-00640-8.